

Profissionais dizem que é possível economizar na saúde sem prejudicar os doentes



15-Nov-2011



A economia na saúde é um objetivo possível sem prejudicar o tratamento dos doentes, defenderam ontem o presidente do conselho de administração do Instituto Português de Oncologia do Porto e a directora de Oncologia do Centro Hospitalar de Lisboa Central.

À margem de uma mesa redonda sobre o tema "Economia da saúde", realizada no âmbito do 12º Congresso da Sociedade Portuguesa de Oncologia, em Albufeira, o presidente do conselho de administração (CA) do Instituto Português de Oncologia (IPO) do Porto, Laranja Pontes, afirmou que já está feito um trabalho de poupança nos excessos e uma preocupação com a padronização dos tratamentos autorizados.

«Estas novas orientações que o ministério está a tentar introduzir na rede só vêm realçar o trabalho que já fomos fazendo. As instituições que já foram olhando para os excessos de quadros, a sobreutilização dos mesmos, as medicações fora de contextos clínicos perfeitamente definidos e todas essas medidas que ainda não foram realizadas são agora uma preocupação acrescida porque o dinheiro disponível vai ser menor», explicou Laranja Pontes, citado pelo "Sol".

Para o presidente do CA do IPO do Porto «quem trata das orientações clínicas são os clínicos e quem trata da parte orçamental e da organização dos cuidados em si é o CA», por isso Laranja Pontes garante que na instituição «não tem havido conflitos, porque as práticas realizadas no IPO são as práticas aprovadas e standard para tratamento de doentes».

«Os doentes são o centro das nossas preocupações e o que procuramos é oferecer as melhores terapêuticas aprovadas e que não ceder a alguns interesses corporativos», frisou, garantindo que tem que ser o ministério a definir as novas terapêuticas a adoptar, tendo em conta a relação entre o custo e o benefício para o doente e se a despesa pode ser suportada.

Lurdes Batarda, directora do serviço de oncologia do Centro Hospitalar de Lisboa Central, disse que «é possível, através da racionalização de recursos, continuar a tratar os doentes da melhor forma possível e conter gastos».

Lurdes Batarda diz que os médicos «ainda não sentiram» impedimentos relativamente à adopção de novas terapêuticas que tragam benefícios para os doentes e considerou que os conselhos de administração dos hospitais têm sido abertos quando assim é para a introdução desses medicamentos.

«Tudo isto já está estudado a nível internacional e, para a maior parte das situações, os médicos sabem exactamente quais são os meios de diagnóstico a utilizar e os que são realmente necessários. Nos casos em que isso não está estudado, o médico tem que ter bom senso e realizar os indispensáveis, sem exagerar gastos e sem pedir exames sem qualquer consequência prática», acrescentou.

Por isso, Lurdes Batarda considera ser «perfeitamente possível» conciliar a poupança com o tratamento adequado dos doentes.

[< Artigo anterior](#)

[Artigo seguinte >](#)

[\[Voltar \]](#)